**IDENTIFICANDO E REPROGRAMANDO CRENÇAS DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA: um estudo de caso**

Magna Rafaela de Sousa e Silva - Voluntária

Orientadora Maura Regina Dourado

CCHLA – DLEM – PROLICEN

**INTRODUÇÃO**

Pesquisas relacionadas a crenças começaram a ser desenvolvidas no Brasil na década de 90 e vêm ganhando mais e mais força no que diz respeito ao processo de aprendizagem no âmbito da Escola Pública. Nelas estabelece-se uma relação de causa e efeito, ou seja, as ações dos alunos são justificadas pelos tipos de crenças que eles possuem. Segundo Barcelos (2011) é comum acreditar que as crenças são estruturas mentais, estáveis e fixas, localizadas dentro da mente dos indivíduos, distintas do conhecimento e julgadas como certas ou erradas. Por exemplo, o aluno acredita que não pode aprender inglês na Escola Pública, mas somente na escola de idiomas, como se esse fosse o único o lugar para isso (DIÓGENES, 2011). Outra crença frequente em relação ao ensino de língua inglesa, tanto por parte dos alunos, como também no pensamento dos professores é que “eles não aprendem nem português, quanto mais Inglês,” ou “pra que estudar Inglês se eu não vou viajar pra fora do país?” (FONTENELE, 2005). Segundo a autora, esses tipos de indagações são mais frequentes do que se pode imaginar. Apesar de muitos autores abordarem essa temática, Sousa e Silva (2013) mostra que os estudos sobre crenças tendem a ser orientados para sua identificação e categorização, e não para sua reformulação ou transformação. São os estudos Programação Neurolinguística (doravante PNL) que vêm iluminando o que pode ser feito após a identificação de crenças, fundamentando ações que visam sua reprogramação. Acredito que por meio da Programação Neurolinguística (PNL) crenças negativas e desmotivadoras podem ser reprogramadas a fim de que os próprios alunos possam obter resultados mais prazerosos, a excelência na aprendizagem de língua inglesa, como também de outras disciplinas. A escolha desse tema para a realização da pesquisa se dá por fazer parte das discussões do grupo PROLICEN como forma de preparar os futuros professores a refletir sobre essa variável no ensino-aprendizagem de língua estrangeira e, também, pelas crenças fazerem parte do saber comum dos alunos, que as disseminam como se fosse uma verdade absoluta. Face ao exposto, o objetivo deste trabalho é identificar e propor um plano de ação que viabilize a reprogramação das crenças existentes entre os alunos de língua inglesa de uma escola da Rede Pública de Ensino, através da PNL.

**FUNDAMENTAÇÃO (CRENÇAS)**

Mas o que é crença? Podemos dizer, de forma grosseira, que crença é a ação de crer na verdade ou na possibilidade de algo. Por isso, ela é tão forte e tem a capacidade de determinar nossas ações. Como afirma Barcelos (2001), as crenças dos alunos, percebidas através de suas atitudes e ações, afetam sua aprendizagem significativamente. Segundo a autora (2004), o estudo sobre crenças só começou a ser foco de pesquisa nos anos 70, e não necessariamente com essa nomenclatura. Hosenfeld 1978 (apud FONTENELE, 2005, p.40), por exemplo, usou o termo “mini-teorias de aprendizagem de línguas” para se referir às crenças dos alunos. Como o estudo sobre crenças ocorre em várias áreas, tais como medicina, sociologia, ciências políticas e cada qual sustenta uma definição, a ação de definir crenças não é uma tarefa fácil, o que, por sua vez, acarreta uma inconsistência de definições, nos deixando sem uma definição específica, além de ter várias nomenclaturas (Price, 1969, p.19 e Pajares, 1992, p.313). Por exemplo, na psicologia, Rokeach (1960, 1968) utiliza o termo ‘sistemas de crenças’. Pajares (1992, p; 314) define crenças como “qualquer simples questão, consciente ou inconsciente, inferida daquilo que a pessoa diz ou faz e geralmente precedida da frase, ‘Eu acredito que...’”. Já Price (1969, p.20) acredita que crençassão algo que possuímos por um período de tempo, longo ou curto, podendo admitir graus, ou seja, podemos acreditar em algo forte, moderada ou suavemente. Woolfolk, Hoy e Murphy (2001, p. 7–8) argumentam que as crenças podem variar de acordo com as experiências. Portanto, a partir da experiência que o aluno tem com a Língua Inglesa, ele desenvolve uma determinada crença e acredita nela durante um período. Apesar de não haver uma definição única, todas as definições citadas acima contribuem para formar um conceito. Concordo com os autores Woolfolk Hoy e Murphy (op.cit.), Price (op.cit.) e Dewey (op.cit.) que afirmam que as crenças são formadas através das experiências de ensino-aprendizagem da língua alvo por cada aluno, e que podemos acreditar nelas em graus diferentes. Muitas vezes, os alunos não conseguem entender suas crenças, por estas fazerem parte de um contexto real que se encontra em contínuo processo de construção e reconstrução. A partir de cada novo contato com a língua alvo, as crenças vão se transformando em experiências pessoais, de escolarização e instrução, e até mesmo experiência com o conhecimento formal, como menciona Richardson (1996, p. 105). Em suma, as crenças nos acompanham por toda a vida, algumas vão se refazendo, outras vão perdendo sua potencialidade de influenciar nossas ações e outras, até excluídas. Independentemente, todavia, as crenças influenciam nossas ações e decisões e para linguistas aplicados (cf. Nespor, 1987; Pajares,1992; Félix,1998) são muito difíceis de sofrerem mudanças. Apesar desse posicionamento defendido nos estudos sobre crenças no processo de ensino-aprendizagem, estudos oriundos da Programação Neurolinguística respaldam ações, que, a nosso ver, pode ser realizadas após a identificação de crenças, visando à reprogramação das mesmas.

**PROGRAMAÇÃO NEUROLÍNGUÍSTICA**

De acordo com Zaib e Chagas (2012) em seu livro *PNL Teoria, Técnicas e Ferramentas da Programação Neurolínguística*, a Programação Neurolínguística compreende três ideias: a primeira é a que a palavra Programação, está ligada a maneira como organizamos nossas ideias e ações com o objetivo de produzir resultados. A segunda é que a palavra ‘Neuro’ é reconhecida pela PNL como ideia fundamental de que os comportamentos estão ligados a processos neurológicos, ou seja, primeiro o indivíduo compreende a informação para só depois agir. E por fim, a terceira que explica o significado da Linguística afirmando que ela se refere ao estudo de como a linguagem também pode influenciar nossos comportamentos e relacionamentos. Richard Bandler, um dos criadores da PNL, que diz que a PNL estuda a estrutura da experiência humana e o que dela pode ser feita, uma vez que “todo comportamento possui uma estrutura e que esta pode ser descoberta, modelada e mudada (reprogramada).” (apud Zaib e Chagas, 2012, p. 18). Segundo O’Connor (2010), a PNL estuda como refletimos a realidade em nossa mente e depois como percebemos essa reflexão e a alteramos para atingirmos resultados desejados. O autor explica que os seres humanos possuem mapas mentais do mundo (representações que fazemos da realidade), e que ao invés de reagir diretamente ao mundo reagimos aos nossos mapas. Como já dito, as crenças afetam diretamente nosso comportamento, isso porque de acordo com Zaib e Chagas (2012, p.31) os comportamentos humanos estão intimamente ligados com o estado mental, o qual, por sua vez, se origina em um, ou em uma combinação, dos elementos: Fisiologia, Padrões de Linguagem, Pensamentos e Crenças. Desta feita, a linguagem pode influenciar nossos comportamentos como também pode potencializar nosso pensamento. Dessa perspectiva, Zaib e Chagas (2012) fazem uso de algumas técnicas relacionadas à linguagem que podem ajudar na mudança das crenças. Por exemplo, ao invés de usar o pretérito perfeito, o uso do presente simples seria mais adequado. Ou seja, ao invés do aluno dizer, por exemplo, “Eu queria aprender inglês”, ele deve dizer “Eu quero aprender inglês”. Isso porque “O verbo no presente dá mais força de ação positiva na direção do objetivo.” (p. 33). A PNL vem para nos dar opções de ação. Mas para tanto, faz-se necessário que o indivíduo estabeleça um objetivo que queira atingir e programe seu cérebro para isso, transformando até mesmo os obstáculos em objetivos menores para almejar o objetivo maior.

**METODOLOGIA**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa ação, pela qual as crenças de dez alunos do 3º ano do ensino médio integrado ao ensino profissionalizante de hotelaria, participantes das aulas de inglês ministradas no âmbito do projeto PROLICEN (BEZERRA, 2013), foram identificadas através de um questionário composto de perguntas abertas, que abordavam as dificuldades de aprendizagem de língua inglesa, o que os alunos poderiam fazer para lidar com suas dificuldades e se eles estão dispostos a contornar essas dificuldades. Embora tenhamos pesquisado dez alunos, nos concentraremos neste trabalho em uma aluna por questões de limite de espaço. Após confirmada a crença de que ‘a língua inglesa é muito difícil’, um plano de ação, orientado pela PNL, foi desenvolvido, visando a reprogramação dessa crença. Apesar desse plano de ação ainda estar em progresso, relataremos a experiência até o presente momento.

A escolha da aluna para essa experiência deve-se o fato de a mesma durante as aulas assumir uma postura de reclamação constante, (‘já posso ir pra casa?’ ‘isso é muito difícil’) para com as atividades. Vale lembrar que as aulas no âmbito do projeto são livres, i.e., não há qualquer obrigatoriedade por parte da escola ou da professora da disciplina para que os alunos participem.

**ANÁLISE DOS DADOS**

No conjunto de respostas oferecidas pela aluna participante, encontramos “se eu me esforçar eu consigo” no que tange ao que a aluna poderia fazer para lidar com suas dificuldades encontradas. O fato de a resposta ter sido ampla e sem um foco definido para o que para ela seria “se esforçar”, mostra que ela ainda não pontuou isso como um objetivo para buscar sua melhoria.

Já no que tange à questão relativa ao que a aluna estaria disposta a fazer para lidar com as dificuldades enfrentadas diante da aprendizagem de língua inglesa, que a aluna respondeu “procurar ler e entender direito as palavras inglesas e etc...” traçamos um plano de ação que compreende que primeiro a aluna estabeleça a aprendizagem de inglês como um objetivo pessoal, e programe seu cérebro para isso, de forma que até mesmo os obstáculos para se chegar ao objetivo maior (aprender inglês) se transformem também em objetivos menores (O’Connor, Seymour, 2010).

Devido a limitações de tempo e ao cronograma instável das aulas na escola alvo, ainda não temos o resultado dessas ações de reprogramação que estão sendo realizadas.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O interesse por esse tema para pesquisa surgiu diante das discussões no âmbito do projeto PROLICEN. Tema esse que vêm de encontro com a proposta do projeto, com o objetivo de preparar professores em formação inicial ao se deparar com situações onde as crenças estão mais presentes em sala de aula do que se pode imaginar.

 É necessário que o professor, para desenvolver seu trabalho de forma satisfatória identifique as causas desta resistência, as barreiras que os alunos criam, dificultando cada vez mais a sua aprendizagem. São as crenças que determinam o comportamento dos alunos, diante do processo de aprendizagem da disciplina; são as crenças que eles internalizam que os fazem acreditar no que quiserem, pois como vimos, a crença se enraíza de forma rápida, porém, sua desconstrução não é tão simples assim. Dessa forma a PNL tem utilizado técnicas que estão ajudando a transformar essas crenças em algo positivo, onde o aluno transforma sua crença em um objetivo e trabalha para alcançá-lo. O trabalho com a reprogramação da crença da aluna participante ainda está em andamento.

Por fim, acredito que este trabalho possa trazer contribuições positivas aos professores em formação, não só de Inglês, mas de outras disciplinas, a partir do momento que as informações sejam compartilhadas.

**REFERÊNCIAS**

BARCELOS, A. M. F. O conflito entre crenças de aprendizagem de inglês de professores e alunos.In.: Keys K. (Org.) **Da pesquisa ao ensino:** práticas pedagógicas e pesquisa em linguística aplicada, 2001.

FELIX, A. **Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira moderna na escola.** Dissertação de Mestrado em Línguística, Instituto de Estudos da Línguagem. Universidade Estadual de Campinas, 1998. P. 114.

NESPOR, J. ***The roles of beliefs in the practice of teaching.*** *Journal of Curriculum Studies.* V. 9, n. 4, p. 317 – 328, 1987.

O’CONNOR, Joseph, SEYMOUR, John. ***Introdução à programação neurolinguística:*** *como entender e influenciar as pessoas.* Summus, 2010

PAJARES, M. F. ***Teachers’ beliefs and educational research****: cleaning up a messy construct. Review of Educational Research*. Washington DC, V. 62, n. 3, 307 - 332, 1992.

PRICE, H. H. Belief. Bristol: Thoemmes Press, 1969.

RICHARDSON, V. The role of atitudes and beliefs in learning to teach. In J. Sikula (org.), ***Handbook of Research on Teacher Education*** (2º ed.). New York: Macmillan, 1996

ROKEACH, M. ***Beliefs, attitudes e values:*** *a theory of organization and change.* San Francisco: Jossey-Bass, 1968.

WOOLFOLK HOY, A.; MURPHY, P.H. Teaching educational psychology to the implicit mind. In: R.STERNBERG; B. TORFF (Eds.). ***Understanding and teaching the intuitive mind***. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 145 - 185, 2001

ZAIB, José, CHAGAS, Mario Jorge. ***PNL:*** *Teoria, Técnicas e Ferramentas da Programação Neurolinguística.* Wak, 2012.